



JOÃO FRANCISCO VILHENA

Joaquim Benite, em Agosto, durante uma entrevista ao SOL

UMA VIDA INTEIRA A RESPIRAR TEATRO

Alexandra Ho

Joaquim Benite morreu quarta, aos 69 anos. Fica para a história como uma das personalidades mais marcantes do teatro português.

«O teatro é um vício como a droga: quando entramos dificilmente saímos». Era assim que Joaquim Benite – que morreu na quarta-feira, aos 69 anos, na sequência de complicações respiratórias motivadas por uma pneumonia – descrevia a sua relação com o teatro. Alimentou-se deste vício por mais de 40 anos e, mesmo depois do aneurisma na aorta que sofreu em 2011, preferiu sempre, como disse em Agosto em entrevista ao SOL, «olhar para o futuro» em vez de fazer «considerações sobre o passado».

Mas é graças a um passado intimamente ligado ao teatro português e à sua renovação no período que antecedeu o 25 de Abril que o encenador será lembrado. Benite fica para a história como o fundador de uma das maiores companhias teatrais do país e de um dos mais importantes festivais de teatro da Europa. Em Almada.

«O país perde um dos seus mais prestigiados encenadores», diz a Companhia de Teatro de Almada, e o secretário de Estado da Cultura, Jorge Barreto Xavier, acrescenta que o seu trabalho foi «determinante para a construção das artes do espectáculo no Portugal democrático».

Nascido em Lisboa, em 1943, filho de um empresário do teatro, Joa-

quim Benite representou aos 17 anos, mas nunca apostou numa carreira como actor porque «era muito mau». «Nunca me interessou. É muito difícil estar todos os dias a dizer o mesmo».

Em vez disso, sonhava com uma carreira como jornalista e conseguiu entrar para a profissão aos 20, no jornal *República*. Depois passou pelo *O Diário*, *O Século* e *Diário de Lisboa*, neste último onde acumulou a crítica de teatro. Até perceber o quanto era «maçador escrever sobre uma coisa que gostaria de fazer».

Aventurou-se, então, na criação de um grupo amador e, em 1970, nasceu o Grupo de Campolide. Oito anos depois mudou-se para Almada. Achou que «era bom ir para a periferia» por «uma razão estética e uma cívica» e por ser «mui-

to ambicioso». «Quería fazer um teatro em que o próprio teatro fomentasse a formação do público». E foi bem sucedido. «A obra-prima do Joaquim Benite são os seus espectadores, gente calorosa e atenciosa, que se percebe que vai aos espectáculos porque gosta. É a grande herança dele, um teatro que chegou a todos», disse Jorge Silva Melo à *Lusa*.

Em 1984, Benite criou o Festival de Almada e o certame tornou-se no maior acontecimento teatral realizado em Portugal. Mesmo assim, Benite sonhou sempre com mais. «Gostava de dirigir um festival como o de Avignon», confessou ao SOL.

Não conseguiu, mas ao longo da carreira recebeu vários prémios e distinções pessoais como a Medalha de Ouro de Mérito Cultural do Concelho de Almada, a Medalha de Mérito Cultural do Ministério da Cultura, a condecoração pelo Governo francês com o grau de Cavaleiro da Ordem das Artes e das Letras e, pelo rei de Espanha, a comenda da Ordem de Mérito Civil. Há dois anos foi condecorado pelo Presidente da República com o grau de comendador da Ordem do Infante D. Henrique.

Apesar do currículo irrepreensível e da dedicação total ao teatro, Benite disse ao *Público* que «os encenadores nunca ficam na história. Só os escritores, como o Shakespeare». Temos muitas dúvidas quanto a isso...

'A obra-prima de Benite são os seus espectadores. É a herança dele, um teatro que chegou a todos', diz Silva Melo